

A potência do pensamento diaspórico e contra hegemônico: reflexão, produção e resistência

The power of diasporic and counter-hegemonic thinking: reflection, production and resistance

*Mariana Martha de Cerqueira Silva**

Resumo: em vista de indagar o mito da racionalidade científica da Modernidade ocidental, este artigo¹ põe em questão razões eurocêntricas que, histórica e metodologicamente, determinaram e determinam muito do pensar e fazer científico contemporâneos. Para tal, esta abordagem discute algumas ideias presentes no pensamento de dois autores situados em contextos afro-diaspóricos que, diretamente, estabelecem conexões dialógicas entre e com África e Brasil. Em “Para além do pensamento abissal”, do intelectual português Boaventura de Sousa Santos (2007), e em “Investigação científica e crise da racionalidade – Livro I”, do sociólogo e teólogo camaronense Jean-Marc Ela (2015), encontramos debates filosóficos que questionam e desestruturam o mito da racionalidade científica da modernidade ocidental. Este texto se inicia com uma breve biografia dos dois autores e se estrutura de modo a apresentar o desenvolvimento das ideias contidas nos textos supracitados. A conclusão indica a necessidade de construção ou revelação de outras racionalidades para as epistemologias do século XX, sobretudo, nos contextos geo-históricos ressignificados a partir de conexões afro-diaspóricas.

Palavras-chave: Racionalidades. Eurocentrismo. Ciência Moderna

Abstract: in order to inquire into the myth of the scientific rationality of Western modernity, this article questions Eurocentric reasons that historically and methodologically have determined and determine much of contemporary scientific thinking and doing. To this end, this approach discusses some ideas present in the thinking of two authors situated in Afro-Diasporic contexts that directly establish dialogical connections between and with Africa and Brazil. In “Beyond Abyssal Thinking” by Portuguese intellectual Boaventura de Sousa Santos (2007) and in “Scientific Research and Crisis of Rationality - Book I” by Cameroonian sociologist and theologian Jean-Marc Ela (2015) we find philosophical debates that question and disrupt the myth of the scientific rationality of Western modernity. This text begins with a brief biography of the two authors and is structured to present the development of the ideas contained in the above texts. The conclusion indicates the need to construct or reveal other rationalities for twentieth-century epistemologies, especially in geo-historical contexts ressignified from afro-diasporic connections.

Key-words: Rationalities. Eurocentrism. Modern Science.

* Formada em Pedagogia pela USP, Mestra e Doutoranda em Educação pela UFSCar. Atualmente é professora do curso de Pedagogia da Universidade do Brasil (Faculdade de Sorocaba). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-3445-7271>>. E-mail: marimcs05@yahoo.com.br.

¹ O debate que será apresentado é decorrente de discussões e reflexões promovidas pela disciplina “Epistemologia da Educação II”, ministrada pela prof. Dra. Sandra Aparecida Riscal no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2017.

Introdução

De outro lado existem perspectivas filosóficas² que têm se consolidado desde o início do século XXI e apontam a expansão e exploração do domínio europeu sobre o continente americano como pedra fundamental da Modernidade. O período conhecido por Iluminismo representa, nesta perspectiva, um segundo período da Modernidade onde renomados filósofos e historiadores ocidentais vão repensar as ideias de homem e sociedade, entretanto, seus novos ideais só têm validade para o homem branco e europeu. Os demais, especialmente os negros escravizados, não são considerados nestas projeções.

A centralidade da Europa na constituição de uma era histórica caracterizada como universal³ é constitutiva do que se convencionou conceituar como *eurocentrismo*. Segundo Dussel (2000), há dois grandes equívocos atrelados ao padrão eurocêntrico: o primeiro é referir-se a esta época como um período único da história mundial. O segundo é lembrar que como periferia de transações do contexto da região da Eurásia, não fazia sentido a Europa intitular-se centro do mundo; ela estava geopoliticamente fora do eixo-central daquele período.

Contestar a hegemonia da modernidade europeia é um argumento crucial para construir e visibilizar outras racionalidades científicas. Conhecer, refletir e confrontar-se com outros formatos de ciências, constituídas de racionalidades diversas do padrão moderno ocidental é discussão central nos textos do pensador português Boaventura de Sousa Santos (2007) e do pensador camaronense Jean-Marc Ela (2015) que se propõem a desestruturar a égide moderno-ocidental da universalidade (colonizadora) e da impessoalidade da ciência para tornar plural o campo da epistemologia da ciência.

Embora Portugal esteja situada no espaço europeu, a narrativa apontada pelo pensador Santos (2007) vai de encontro à perspectiva eurocêntrica e constrói-se como uma narrativa contra hegemônica. A perspectiva apontada pelo intelectual camaronense Ela (2015) desestrutura a centralidade eurocêntrica de ciência, constituindo-se como resistência tanto na sua origem quanto na sua narrativa.

A razão que sustenta a apresentação destas narrativas neste dossiê fundamenta-se na perspectiva conceitual de diáspora apresentada por Gilroy (2012) por trazer um tom político e transformador à compreensão da dispersão da história e cultura do povo negro-africano, reiterando circunstâncias nas quais a África, o Brasil e algumas narrativas contra hegemônicas encontram correspondências entre si.

Ruindo a racionalidade eurocêntrica

Boaventura de Sousa Santos nasceu em Coimbra, Portugal, a 15 de novembro de 1940. Diante de seu extenso currículo profissional, ainda em construção, cabe destacar que este autor é Doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale (1973), Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e da Universidade de Wisconsin-Madison (EUA) e integrante do grupo

² O grupo Modernidade-Colonialidade é formado por intelectuais de diferentes procedências e inserções, que busca construir um projeto epistemológico, ético e político a partir de uma crítica à modernidade ocidental em seus postulados históricos, sociológicos e filosóficos. (CANDAUI; OLIVEIRA, 2010)

³ Como se fosse possível traçar um panorama de universalidade para as diversas narrativas históricas que temos no mundo.

Modernidade/Colonialidade (maciçamente composto por teóricos americanos). É também Diretor do Centro de Estudos Sociais (Ces) da Universidade de Coimbra e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Atualmente dirige o projeto de investigação ALICE – “Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências com o mundo”. (CES, 2017)

Dentre seus principais temas de pesquisa destacam-se: epistemologias do sul, sociologia do direito, teoria pós-colonial, democracia, interculturalidade, globalização, movimentos sociais e direitos humanos. Da sua vasta publicação aponto “Ciência pós-Moderna” (1988), “Modernidade, Identidade e Cultura de Fronteira” (1997), “Epistemologias do Sul” (2011), “A universidade do século XXI” (2016), “Uma nova visão da Europa – Cosmopolitismo europeu” (2017), além do texto “Para além do pensamento abissal” (2007), abordado neste artigo.

Jean-Marc Ela (1936-2008) nasceu em Ebolowa, na República de Camarões. Estudou teologia e tornou-se padre. Teórico de renome, ele estudou na Universidade de Estrasburgo e na Universidade de Paris – Sorbonne. Sua formação compreende três títulos de doutorado no campo das Ciências Sociais: Antropologia, Teologia e Sociologia. Foi autor de uma extensa produção bibliográfica no campo da Teologia, da Filosofia e das Ciências Sociais em África. Durante a sua longa carreira como sociólogo, Ela (2015) preocupou-se com a necessidade de promover as Ciências Sociais em África e de os investigadores e académicos africanos assumirem um forte sentido de responsabilidade social na compreensão das sociedades africanas pós-coloniais. (PEDAGO, 2017; BEGHELA, 2012)

Dentre suas vastas publicações destaco: “Gritos do homem africano” (1980), “Cheikh Anta Diop ou a honra de pensar” (1982), “A Investigação Africana Face ao Desafio da Excelência Científica” (2007) e “As culturas africanas no âmbito da racionalidade científica” (2007), além do livro “Investigação científica e crise da racionalidade”, abordado neste artigo.

Em “Para além do pensamento abissal”, Santos (2007) trata do pensamento moderno ocidental como um paradigma que estabelece um abismo⁴ epistemológico entre verdades científicas e não científicas, construídas em contextos distintos, porém em relações de interdependência: “A humanidade moderna não se concebe sem uma subumanidade moderna” (SANTOS, 2007, p. 76). Em seguida, como forma de resistência ao pensamento moderno ocidental (ou pensamento abissal), Santos (2007) debruça-se sobre as dimensões epistemológicas do que define como *ecologia de saberes*. A pergunta “É possível um pensamento pós-abissal?” coloca-se como questão fundante a este texto quando o autor anuncia a agência do cosmopolitismo subalterno, representado epistemologicamente pela ecologia de saberes, como forma de resistência à marginalização produzida por um pensamento abissal.

Na primeira parte do texto, Santos (2007) define o pensamento moderno como um pensamento abissal que se estrutura sob binarismos dicotômicos (regulação/emancipação; metrópole/colônia; norte/sul; humanidade/subumanidade; apropriação/violência etc.) que dividem a realidade social e epistemológica em dois universos distintos: o visível (ou existente) e o invisível (ou inexistente). Para esta discussão o autor aborda a estrutura do conhecimento e do direito moderno como manifestações características do pensamento abissal.

Ao definir conceitos constituidores para uma racionalidade filosófica na obra *Metafísica*, Aristóteles (2000) determina o princípio da renomada lógica aristotélica

⁴ Segundo a definição de Santos (2007), “Linhas abissais são traçadas tanto no sentido literal quanto no metafórico. No sentido literal, são linhas que demarcam fronteiras” (SANTOS, 2007, p. 79).

do terceiro excluído ao afirmar que uma proposição ou é verdadeira ou é falsa, tais quais os binarismos dicotômicos que, segundo Santos (2007), estruturam a racionalidade científica da Modernidade ocidental e, a depender do lado da linha em que se situam, ou são conhecimentos científicos ou não.

Um clássico exemplo de pensamento abissal encontra-se na obra “A Filosofia da História Universal” (HEGEL, 2008). Nela, Hegel se propôs a recontar a história de algumas civilizações sob um ponto de vista evolutivo e universal. Nesta obra o autor dedicou-se a reconstruir o percurso histórico da racionalidade humana desde o mundo oriental (Índia, China e Pérsia) até o mundo ocidental (gregos, romanos e mundo germânico) os quais, geograficamente, delimitam o que Hegel (2008) intitulou por história universal. Deste ponto de vista, histórias e culturas do sul, sobretudo, foram ignoradas e inferiorizadas, relegadas a uma condição subumana. Eis a abissalidade do pensamento moderno, segundo Santos (2007) a marcação da linha que divide o visível e o invisível.

Embora Santos (2007) reconheça a presença dessas linhas abissais na estruturação do sistema-mundo moderno da Contemporaneidade, ele salienta os abalos que essas linhas têm sofrido e que alteram a dinâmica da divisão abissal. O primeiro abalo teve lugar com as lutas anticoloniais e os processos de independência das antigas colônias e o segundo abalodesestruturou os binarismos modernos, o que significa que a lógica da apropriação/violência tem se sobreposto e vem interferindo na lógica da regulação/emancipação.

Com base num esforço coletivo para desenvolver uma epistemologia das regiões periféricas e semiperiféricas do sistema-mundo, argumento que esse movimento é composto de um movimento principal, que designo como “regresso do colonial e do colonizador”, e por um contra movimento que designo como “cosmopolitismo subalterno. [...] O regresso do colonial é a resposta abissal àquilo que é percebido como uma intromissão ameaçadora do colonial nas sociedades metropolitanas. [...] O colonial que regressa é de fato um novo colonial abissal [...]. Aqui reside a grande transgressão. (SANTOS, 2007, p. 78)

A transgressão a que se refere o autor põe fim à divisão nítida que existia entre o metropolitano e o colonial. Santos (2007) afirma que o lado visível da linha, o metropolitano, tem respondido a essa conjuntura com a produção de diferentes formas de fascismos (social, contratual e territorial) de forma a tentar barrar a dissolução de sua hegemonia política. O lado invisível, o colonial, tem produzido diversos movimentos e organizações que configuram uma globalização contra hegemônica, lutando contra a exclusão social, econômica, política e cultural, eis o que o autor define por cosmopolitismo subalterno. (SANTOS, 2007)

Longe de apresentar uma identidade una o cosmopolitismo subalterno reside na diversidade do mundo e, em sua dimensão epistemológica, é caracterizado pelo que Santos (2007) define por pensamento pós-abissal: “O pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e continua desprovida de uma epistemologia adequada, de modo que a diversidade epistemológica do mundo está por ser construída.” (SANTOS, 2007, p. 84)

Na análise de Santos (2007), o pensamento pós-abissal que compreende a diversidade epistemológica do mundo aparece conceituado como uma ecologia de saberes. Essa ecologia é a resposta subalterna ao pensamento abissal. A ecologia de saberes reconhece a persistência do pensamento abissal na contemporaneidade, mas faz desse reconhecimento uma condição para pensar e agir para além dessa abissalidade.

Santos (2007) delimita algumas características constitutivas do pensamento pós-abissal, dentre elas: a pluralidade de conhecimentos e, portanto, a impossibilidade de uma epistemologia geral; a emergência política de povos e saberes “do outro lado da linha”⁵; o interconhecimento que consiste em aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios; a utilização contra hegemônica do conhecimento científico; a interação e a interdependência entre saberes científicos e não-científicos; tomar o conhecimento como intervenção no real, que dialoga com o que o autor vai definir por pragmatismo epistemológico; a co-presença igualitária que significa que práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários e, por fim, a busca da intersubjetividade que articula as experiências subalternas por meio de ligações entre o local e o global (neste sentido, o pensamento pós-abissal é conceituado por transescalar).

O que importa, pois, é desfamiliarizar a tradição canônica das monoculturas do saber sem parar aí, como se essa desfamiliarização fosse a única familiaridade possível.

A ecologia de saberes é uma epistemologia desestabilizadora na medida em que se empenha numa crítica radical da política do possível, sem ceder a uma política impossível. (SANTOS, 2007, p. 92)

Só assim será possível ir além de Hegel, afirma Santos (2007).

Por fim, para refletir sobre as condições epistemológicas da ecologia de saberes, Santos (2007) destaca os problemas da incomensurabilidade, incompatibilidade e ininteligibilidade⁶ recíprocas a que essa perspectiva se vê confrontada e reitera a importância da intervenção da ecologia de saberes no mundo real como propósito de pesquisa.

É possível afirmar que Jean-Marc Ela (2015) em seu livro “Investigação científica e crise da racionalidade” representou uma agência do cosmopolitismo subalterno, tal qual aparece nas definições de Santos (2007).

Para afirmar a necessidade de reinvenção da ciência, Ela (2015) confrontou a racionalidade moderna evidenciando os paradigmas que a estruturam e que, ao mesmo tempo, fundamentam suas crises. Ao longo do livro, Ela (2015) desconstruiu a supremacia da ciência moderna para responder à questão: “Qual o papel dos investigadores africanos na reinvenção da ciência?”. Explicitamente, o intuito do texto foi de fomentar a capacidade de autonomia e crítica científica dos investigadores africanos nos processos de produção do conhecimento porque há incompatibilidade com a ciência e seu modo de funcionamento (tal como foram constituídos) com as exigências e contingências que se impõe à África na atual dinâmica dos saberes.

Ao longo do primeiro capítulo, Ela (2015) apontou três mitos que revelam as crises da racionalidade moderna. O primeiro mito é o da pureza do discurso científico que ignora o investigador e toma o saber como uma produção incorpórea, isto é, sem humanidade. Essa pureza que constrói e define os saberes como científicos e não-científicos longe de caracterizar a universalidade a que se pretendeu a ciência moderna, evidencia a sua singularidade porque só é compreensível em referência à história do pensamento na qual se assenta. “Certamente que a ciência de que se fala actualmente é um facto de memória próprio à cultura ocidental [...] Para o efeito, a

⁵ “O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul.” (SANTOS, 2007, p. 85)

⁶ Segundo nota de rodapé do próprio autor nessas áreas os problemas estão frequentemente associados a linguagem. (SANTOS, 2007, p. 93)

palavra “ciência” evidencia um processo de pensamento associado ao “destino científico do Ocidente.” (ELA, 2015, p. 16-17).

Esse primeiro mito evidencia que a racionalização do pensamento moderno está marcada por um etnocentrismo ocidental com visões limitadas e parciais de mundo (que se pretendem absolutas). Esse etnocentrismo científico se constrói sob a destruição do saber não-ocidental (caracterizado como não-científico) e oculta outras formas de racionalidades do mundo. Essa é a relação de interdependência que marca a constituição das linhas abissais do pensamento moderno, conforme afirmou Santos (2007).

Aos investigadores africanos, Ela (2015) propôs a revelação de histórias não-contadas para confrontar o absolutismo da ciência ocidental. Como exemplo narrou uma vasta gama de fatos que revelam antecedentes asiáticos e árabes na história das ciências.

Como segundo mito, Ela (2015) apresentou o “caso Galileu” como um acontecimento fundante à constituição do pensamento moderno. A história de Galileu consistiu na latitude de explorar, investigar e publicar com a total liberdade exigida pelos estudos científicos, entretanto, o modelo de matematização do real, característico da lógica de pensamento moderno⁸ representou justamente um problema. “O imperialismo desse modelo tende a submeter toda a inteligibilidade à égide do quantitativo [...] eis o fundamento da crise da racionalidade moderna” (ELA, 2015, p. 31).

O terceiro mito descrito por Ela (2015) é o que apresenta os cientistas como os novos oráculos da modernidade, isto é, como agentes portadores das verdades do tempo moderno. Nesse sentido, o fato de ser um bom cientista acaba por conferir ao pesquisador/a a capacidade para formar juízo acerca do devir da realidade humana. Segundo o autor, essa cátedra da verdade assemelha os cientistas a grandes sacerdotes de uma nova igreja universal.

Assim instala-se uma cegueira coletiva sobre a pluralidade de saberes, sobre a multiplicidade do racional, sobre a fecundidade de outra formalidade do saber [...] como se todos os nossos enunciados convergissem para um ponto ômega da habitação da verdade absoluta, como se verdade, coerência e precisão não se pudessem interpretar e praticar por diversas vias de racionalidade e no seio de subsistemas diferenciados do saber. (ELA, 2015, p. 34)

Nesse contexto, a ciência moderna constitui-se como um verdadeiro dogma⁹. Ser cientista tornou-se sinônimo de conhecer a combinação do segredo do mundo, de narrar o fantástico, como num mito. “É essa a armadilha que põe à prova a racionalidade num contexto social e cultural, no qual os laços entre gênio e taumaturgia são estreitos.” (ELA, 2015, p. 38)

Ao final deste capítulo, Ela (2015) propõe uma nova racionalidade (numa clara renúncia aos preceitos lógicos positivistas) que promova a articulação do racional com o imaginário para recuperar a humanidade do/a investigador/a, em todas as

⁷ Segundo Ela (2015), a história do cientista italiano Galileu Galilei revela a cisão da religião com a ciência, a inserção do campo da experiência como elemento constituidor do conhecimento sobre a realidade e atribui à ciência exata (aritmética e geometria) um modelo ideal para racionalidade científica. Nesse sentido, Ela (2015) afirma que a ciência de Galileu revolucionou o plano teórico e demarcou uma nova época da história.

⁸ A matematização do real, isto é, a ideia de que pensar é medir é fato aprofundado nos preceitos pedagógicos da obra *O discurso do método* (DESCARTES, 1984).

⁹ Vale salientar que o dogmatismo é o ponto fundamental de uma concepção religiosa.

dimensões da sua existência, na produção das ciências. “[...] para encontrar a árvore que esconde a floresta, é necessário restituir a devida importância a esse “poder prodigioso da imaginação” que, na vida de inúmeros sábios, está na origem da maioria das descobertas.” (ELA, 2015, p. 41)

Para responder à questão: O que é o esclarecimento? Adorno e Horkheimer (1985) tomam a autodestruição do esclarecimento como objeto de análise e delimitam o processo de desencantamento do mundo (WEBER, 2004) como elemento definidor do esclarecimento. A análise histórica e filosófica do processo do esclarecimento no cenário da Modernidade retrata a visão de uma situação sem saída desenhada pelos autores (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Outro aspecto importante pontuado por Adorno e Horkheimer (1985) é o uso do procedimento matemático como ritual de pensamento. Neste sentido, afirmam que “O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38)

Em “Investigação científica e crise da racionalidade”, Ela (2015) não faz referência ao texto dos filósofos Adorno e Horkheimer (1985). Entretanto, ambas as análises revelam a autodestruição da Modernidade. A diferença fundamental é que na análise de Ela (2015) há saída: a humanização da ciência e dos investigadores e a revelação de outras racionalidades. Essa saída propõe desvendar as faces ocultas da investigação científica revelando histórias não-contadas nas histórias das ciências (construindo uma sociologia e antropologia das ciências) para confrontar o dogmatismo epistemológico totalitário da modernidade ocidental.

Ao longo do segundo capítulo, Ela (2015) desconstruiu a excepcionalidade de ser cientista e produzir ciência ao defender a tese de que devemos recuperar a banalidade, isto é, o lugar-comum e trivial da produção científica no bojo das produções culturais humanas. Seu argumento central recoloca os investigadores científicos, as condições e os espaços de produção das ciências situados em contextos reais. Dessa forma, Ela (2015), apoiado em Foucault (1987), salientou o desafio fulcral da arqueologia do conhecimento científico para explicar a emergência histórica dos sistemas de governo, aos quais a ciência e os cientistas encontram-se submetidos.

É justamente essa estreita relação com as formas de governo que operam sobre as ciências na contemporaneidade, sobretudo as leis do mercado, que dão espaço para que fraudes e plágios se apresentem como realidades pertinentes ao atual contexto de produção científica. Essa situação é mais um elemento que revela e comprova a crise da racionalidade que constitui a ciência moderna. É a própria ciência que está em questão, afirma Ela (2015).

Diante das crises narradas, Ela (2015) apontou como urgente a redefinição das noções de racionalidade, isto é, a revelação de outras ciências. Neste ponto, o autor destacou como elemento essencial desse novo processo, a substituição da historicidade da ciência evolutiva e pré-determinada (numa crítica evidente à concepção de história¹⁰ iniciada por Hegel (2008)) pela imprevisibilidade científica. Além disso, ao retomar a questão da banalidade de produção da ciência revelando as negociações que subjazem ao contexto de produção científica, Ela (2015) trouxe à tona a dimensão do social como elemento constitutivo a todas as ciências (exatas e

¹⁰ A ideia hegeliana defende que a história é obra da própria razão, afirma que as transformações históricas da razão são realizadas pela própria razão, sem que esta seja condicionada ou determinada pelas condições sociais, econômicas e políticas. (CHAUI, 2000)

humanas). “Logo, não é possível sustentar a fabulação absurda da existência separada de um mundo social e de um mundo científico [...]” (ELA, 2015, p. 82).

Finalmente, no último capítulo do livro, Ela (2015), apoiado no pensamento de Edgar Morin (1982), trouxe a questão da interdisciplinaridade da complexidade do pensamento, também entendida como multidimensionalidade de racionalidades (ou mesmo ecologia de saberes, como afirmou Santos (2007) como um desafio da pós-modernidade. Este cenário da complexidade do pensamento não considera o racionalismo como racional e a ciência como científica, ao contrário disso, concebe a ciência como um processo de questionamento e investigação de problemáticas.

Segundo Ela (2015) o pensamento e atuação política de Cheikh Anta Diop¹¹, cientista senegalês, aparece como referência fundamental para se repensar o papel do investigador/a africano/a neste cenário de complexidade do pensamento em confronto com a ciência moderna, ainda imperativa na comunidade científica. Em suas conclusões, Ela (2015) reafirmando Diop (1985), diz que os investigadores africanos, ao considerar as dimensões da interioridade humana (sociais e culturais) como atitude científica, reúnem todas as condições para construir uma revolução epistemológica, pois suas racionalidades podem trazer outros paradigmas ao universo do conhecimento. Eis o desafio das novas gerações africanas.

Conclusão

Boaventura de Sousa Santos (2007) e Jean-Marc Ela (2015) são duas potentes vozes que denunciam a hegemonia da ciência moderna no campo da epistemologia dos conhecimentos marcando uma clara oposição à narrativa eurocêntrica.

É relevante considerar que Santos (2007) e Ela (2015) são originários de contextos geo-históricos e afro-diaspóricos completamente diferentes. Utilizando dos conceitos de Santos (2007) apresentados neste artigo, é verdadeiro afirmar que este se situa na metrópole do conhecimento moderno enquanto Ela (2015) encabeçou a voz do colonizado. Essa evidência não pode ser ignorada porque enquanto Santos (2007) discorre sobre o cosmopolitismo subalterno, transformando-o em objeto de sua análise, Ela (2015) representa a agência subalterna, seu texto se dirige aos pesquisadores africanos, sendo ele mesmo um deles. A produção científica de Ela (2015) trata-se de um profundo exercício de autorreflexividade, como bem afirmou Santos (2007), em sua conclusão sobre o pensamento pós-abissal.

Tanto em Santos (2007) quanto em Ela (2015) o lugar de onde se fala e o público com quem se fala revelam-se nas proposições conclusivas de cada um destes autores. Santos (2007) reconhece a persistência das linhas abissais do pensamento moderno e propõe irmos além delas, isso significa considerá-las como elementos constitutivos do processo de construção do pensamento pós-abissal.

Ela (2015), por sua vez, propõe ao investigador africano o desafio de construção de uma nova racionalidade, marcando uma ruptura com o pensamento moderno que segundo sua própria argumentação está evidentemente em crise e não se sustenta sob suas próprias estruturas.

Por fim, cabe afirmar que os propósitos epistemológicos de Santos (2007) e Ela (2015) assumem um viés evidentemente político e são taxativos ao reconhecerem

¹¹ O senegalês Cheikh Anta Diop é físico, historiador e antropólogo. Especialista em ciências humanas, autor de várias obras e artigos sobre a África e a origem da humanidade. É também diretor do laboratório de radiocarbono da Universidade de Dacar e autor do primeiro capítulo do volume II da compilação História Geral da África (UNESCO, 2010).

a necessidade de construção ou revelação de racionalidades não-eurocêntricas para o panorama de epistemologias do século XXI.

Para Gilroy (2012) a ideia-chave de diáspora enxerga “[...] formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (GILROY, 2012, p. 25). Modificar e transcender são tarefas urgentes que racionalidades não-eurocêntricas têm o potencial de promover.

Referências

ADORNO, Teodor. W. **O conceito de esclarecimento**. Em T. W. ADORNO, Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores, vol. 1)

BEGHELA, P. **Rethinking African theology**: exploring the God who. Scielo, 2012. Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra. **Boaventura de Sousa Santos**. Disponível em: <<http://ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/boaventura-de-sousa-santos>>. Acessado em: 5 dez. 2017.

CANDAU, Vera M.; OLIVEIRA, Luis Fernandes. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DESCARTES. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Abril, 1984. (Coleção Os pensadores)

ELA, Jean-Marc. Edições Pedagogo. Disponível em: <http://www.edicoespedago.pt/loja/autores_detalle.asp?departmentid=318>. Acessado em: 01 dez. 2017.

DUSSEL, Enrique. **Europe, modernity and eurocentrism**. Nepantla: Views from South, 2000.

ELA, Jean-Marc. **Investigação científica e a crise da racionalidade**. 2ª ed. Luanda: Edições Pedagogo, 2015. (Coleção Reler África)

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e consciência dupla. São Paulo: Editora, 34. Rio de Janeiro: Ceafro, 2012.

GOMES, Nilma L. **Notas da palestra**. Seminário Internacional “Ensino, pesquisa e inovações curriculares para as relações étnico-raciais no ensino superior”. São Carlos/SP, 29 de novembro de 2017.

HEGEL, George. F. Tipos de abordagem da história e do princípio universal da história filosófica. In: **Filosofia da história universal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de S. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Submetido em: 20/07/2019.

Aprovado em: 31/08/2019.